

Editorial nº 6: Imperialismo diante dos impasses do fim do mundo

13

Em sintonia com as questões candentes de nosso tempo, a **Revista Fim do Mundo** traz à luz sua edição número 6, cuja temática aborda o **“Imperialismo diante dos impasses do fim do mundo”**. Desde sua etapa monopolista no fim do século XIX, o movimento de expansão do capital sempre foi debatido como tema do imperialismo, principalmente por autores de corrente marxista. Hoje, diante da concentração e centralização do capital levadas a um patamar inédito, capazes de provocar uma desumanização e depredação da natureza em um nível impensável no debate clássico, o imperialismo como forma histórica de reprodução do capital em sua autovalorização continua a ser central como objeto de reflexão política.

São muitas as contradições contemporâneas que justificam reflexões sobre o tema. A escalada do confronto entre EUA e China, em ponto cada vez mais alto no plano retórico, tem em sua superfície a aparência de uma guerra comercial pelo posto de maior economia do mundo, mas traz em sua essência uma disputa tecnológica em diversas frentes – biotecnologia, capacidade de armazenamento e processamento de dados, tecnologia 5G etc. – cujo domínio abrirá as perspectivas de controle hegemônico sobre a próxima etapa de acumulação do capital.

Em meio a esta disputa entre as duas potências do capital pelo polo hegemônico, reconfigura-se a questão do complexo industrial-militar. Sua hipertrofia na contemporaneidade se baseia principalmente em sua centralidade adquirida para o processo de reprodução do capital. Ao se colocar como líder incontestado do complexo industrial-militar, o poder bélico estadunidense, bem como seu caráter internacionalizado, permite que um conjunto de países aliados, direta ou indiretamente, também possa se beneficiar para expansão de suas economias. Isto faz com que, do ponto de vista sistêmico, alguns setores importantes do capital – principalmente as tecnologias de informação e comunicação – possam ser conduzidos e obtenham alta lucratividade nas encomendas feitas pelos Estados para seus respectivos complexos de inteligência e segurança – na essência, tal



fenômeno imperialista está muito próximo do que previu Rosa Luxemburgo no limiar do século XX. Naquela quadra histórica, tal como esta atual, também se anunciava o fim do mundo, visto que tal poder bélico, independente de estar em guerra ou em paz, movera as engrenagens para o aumento da destruição e, no limite, o colapso da civilização. Quando a Era nuclear no término da Segunda Guerra Mundial se iniciou, tal imperativo se colocaria de forma contínua, nos assombrando neste século XXI.

No que tange a dimensão conjuntural, a pandemia da Covid-19 escancarou a proeminência dos países ricos no acesso aos itens elementares para o combate dos problemas sanitários em detrimento dos países mais pobres, radicalizando desta forma as contradições imperialistas. No primeiro momento, a preferência (forçada) na compra de respiradores artificiais e itens básicos como agulhas e seringas; posteriormente, a prevalência na aquisição e entrega das vacinas mesmo quando o momento apresentava índices maiores de contaminação e mortalidade nas regiões mais pobres do globo; o resultado disso tudo é mais uma variante do vírus a circular pelo mundo atualmente, cuja origem na África explicita as contradições na condução da pandemia. Ademais, uma outra dimensão do mesmo problema, a pandemia explicitou o predomínio dos grandes conglomerados privados, em que o monopólio dos grandes laboratórios expôs sem disfarces o controle sobre o conhecimento da biotecnologia, assim como da capacidade de produção destes insumos tão vitais ao fim das mortes pelo novo coronavírus.

Em síntese, as contradições movidas pelo capital que recolocam as máquinas de destruição da vida por meios militares e pela depredação ambiental, ou a aparição de novas e pretéritas maneiras para ampliar a exploração da força de trabalho, e até uma pandemia que arrastou milhares para as sepulturas, apenas reforçam uma superestrutura de dominação que se vertebra pelo imperialismo. Ao aprofundar a produtividade internacional do trabalho e ao mesmo tempo expropriar qualquer modo de vida que se oponha à lógica mercantil, a economia política da morte torna a maioria dos seres humanos servos de 0,01% que vampiriza a existência planetária, submetendo a reprodução social às necessidades cada vez maiores de valorização do capital financeiro internacional. Tal putrefação que exala do fim do mundo já fora anunciada por autores como Lenin, também no século passado, servindo de alerta e igualmente um chamado para a revolução contra o capital. Se na antessala das guerras mundiais era a barbárie, hoje



precisamos reclassificar radicalmente nosso tempo, se quisermos colocá-lo a favor da humanidade.

A edição número 6 se apresenta com a curadoria do artista plástico, músico, professor e pesquisador Bruno Trochmann. Centrados nos temas da expressão cultural dos povos, da luta anticolonial e das perspectivas para a revolução, suas colagens aqui apresentadas são compostas por imagens de velhas revistas "National Geographic", repletas do olhar imperialista da Guerra Fria sobre o Terceiro Mundo, mas que ao mesmo tempo traem o discurso imperialista desumanizador ao provar que existe vida na periferia do sistema. As colagens, com seus recortes e fragmentos, representam o fenômeno imperialista em sua expressão política, povos recortados e fragmentados, que apesar de tão diferentes entre si, tornam-se uma coisa só ao olho do capital: uma nova fronteira de dominação e acumulação.

Abrindo os trabalhos teóricos a seção "Debate do Fim do Mundo" traz o artigo "O capital financeiro na origem do imperialismo: uma leitura sobre seu uso categorial no debate clássico", de autoria de Maurício Sabadini e Fabio Campos. Revisitando autores centrais da interpretação fundante do debate sobre o imperialismo, como Hilferding, Hobson, Bukharin, Rosa Luxemburgo, Kautsky e Lenin, o artigo discute a categoria capital financeiro, além de apontar os limites e as possibilidades de utilização desta categoria na apreensão de fenômenos específicos do capitalismo. Ao mesmo tempo, o texto procura também indicar a importância da mediação teórica para uma adequada compreensão das relações concretas do capital financeiro, de modo a historicizar a categoria dentro do contexto socioeconômico da época.

A seção "Artigos" da edição número 6 conta com um conjunto de trabalhos que visam dar suporte à apreensão do fenômeno do imperialismo na contemporaneidade. O primeiro deles, de autoria de Marcelo Milan, defende a atualidade do imperialismo enquanto categoria analítica para se pensar o capitalismo contemporâneo. Neste sentido, "A atualidade do imperialismo e a contribuição de Johan Galtung, 50 anos depois" visa retomar a contribuição indevidamente negligenciada pela literatura: a teoria estrutural do imperialismo; esta teoria remete ao papel da violência e aborda as dimensões fundamentais do fenômeno (econômico, militar, comunicação, político e cultural), seus mecanismos e suas fases.

Já Luís Eduardo Fernandes traz seu "Imperialismo Tardio: notas sobre seu debate recente", apresentando o debate entre economistas e cientistas sociais marxistas na revista *Monthly Review* acerca de suas formulações do



tardo-imperialismo, isto é, a fase madura e de ápice da dominação imperialista na economia mundial. Esses autores propõem atualizar a teoria do imperialismo por meio de novas pesquisas e categorias teóricas com níveis de abstração distintos, como a arbitragem global do trabalho, mundialização da lei do valor, deflação da renda nos países periféricos, cadeias globais de valor-trabalho, etc.

Em “Imperialismo e classes médias: sociedade civil e poder político nas margens do capitalismo” Fernando Savella aborda o problema geral da relação entre as classes e o poder político nas formações sociais capitalistas na periferia do imperialismo. Partindo da teoria de Lenin sobre o imperialismo, o autor argumenta que as superestruturas do modo de produção capitalista nessas regiões se desenvolvem de maneira distinta de suas contrapartes no capitalismo central, criando um espaço social restrito que, embora pautado na exclusão radical das massas, se desenvolve sobre a base ativa da classe média.

A crise sistêmica da década de 1970 é o ponto de partida de Leandro Ramos Pereira em “Crise sistêmica e a consolidação do poder global estadunidense: determinantes e características do poder estrutural estadunidense pós-década de 1970”. O trabalho gira em torno de duas ideias centrais: primeiro, argumenta que a crise da década de 1970 não se deve à suposta crise de hegemonia estadunidense, mas ao antagonismo latente entre a autonomia relativa dos Estados Nacionais e a transnacionalização econômica; depois, defende que o encaminhamento da crise sistêmica consolidou os parâmetros estruturantes do seu poder interestatal e inaugurou a era da crise estrutural do capital.

“A morte lhe cai bem: capitalismo em crises e imperialismo”, trabalho do trio Hugo Corrêa, Eduardo Sá Barreto e Leonardo Leite, apresenta uma interpretação sobre a relação entre as crises, o imperialismo e a crítica social conectando dois períodos históricos distintos: o da formulação da teoria clássica do imperialismo e o período atual. A proposta dos autores é entender como o marxismo respondeu à crise que levou à Primeira Guerra e como essa resposta poderia servir para o enfrentamento dos impasses atuais, destacando que a pandemia de Covid-19, a emergência climática e as tensões imperialistas são dimensões entrelaçadas da crise contemporânea do capital, cujo paralelo com o processo histórico vivenciado pelo marxismo do começo do século passado deve ser encontrado na iminência da barbárie e na necessidade da crítica radical.



Por fim, "Imperialismo na América Latina: o papel das burguesias e as consequências para o Brasil", de Bernardo Murratt analisa historicamente o capitalismo e sua inserção no subcontinente latino-americano e no Brasil dos anos 1970 até a atualidade. A ideia do artigo é mostrar como funcionam as relações das classes burguesas locais com o centro capitalista em cada padrão de acumulação no subcontinente e defender uma visão do sistema capitalista como totalidade única, em que a reprodução do sistema no Norte Global tem influência significativa nos Estados do Sul.

A edição número 6 também conta com o "Texto para discussão" de Fabio Luis Barbosa e Daniel Feldmann intitulado "Por que a onda progressista não abriu caminho para um mundo melhor?" no qual, diante do agravamento de problemas econômicos e sociais no contexto da pandemia que ensejaram um "revival" keynesiano nos países industrializados, o autor questiona se faz sentido reviver o progressismo como uma alternativa civilizatória na América Latina. Problematizando a ideologia do progresso e explorando a situação de diferentes países latino-americanos no contexto que antecedeu a pandemia do coronavírus, o trabalho explora a hipótese de esgotamento do progressismo, elencando para isso as noções de "contenção aceleracionista", "progressivismo regressivo" e "neoliberalismo inclusivo". Ao invés de explicar o momento político atual como uma reação a avanços precedentes, sugere-se que a tentativa de conter o processo histórico de dessocialização nos marcos da crise estrutural do capitalismo implicou em práticas, dispositivos e políticas que terminaram acelerando este mesmo processo, como é detalhado no caso brasileiro. O texto se encerra com um paralelo entre as expectativas de um retorno keynesiano no contexto da pandemia e os limites do horizonte civilizatório progressista para enfrentar os problemas estruturais agravados por esta situação inédita.

A seção "Ensaio Crítico" conta com duas contribuições. A primeira, de Paulo de Tarso Soares, intitulada "Lenin e a fase monopolista/imperialista do capitalismo" faz um exame rigoroso da obra clássica de Lênin sobre o Imperialismo, tratando de seus traços fundamentais, da concentração e centralização do capital que conduz à monopolização, à constituição do capital financeiro e da oligarquia financeira, à divisão do mundo entre os grandes monopólios capitalistas e entre as grandes potências. Aqui, o Imperialismo é tratado como uma fase específica do capitalismo, sua fase monopólica – fase em que, segundo ao autor, deve ser situado o capitalismo contemporâneo –, em que se afirmam tendências à decomposição e ao parasitismo, ao mesmo tempo em que, em virtude da socialização da



produção, se criam condições para uma transição ao socialismo. Nesse exame, subjaz uma proposição, exposta ao final, sobre o estatuto da luta de classes no pensamento de Lênin, bem como uma problematização do tratamento dado por Lenin à dialética.

Já o segundo ensaio, de Mauro Donato, “As redes sociais a serviço do imperialismo do capital e dos Estados Unidos”, traz um debate sobre as redes sociais como instrumentos a serviço do capital. O autor argumenta que no mundo moderno o poder se encontra na desinformação, a qual tem corroído as democracias. As chamadas *fake news* são o recurso mais eficaz para polarizar uma sociedade de modo a perturbá-la em variados níveis, em diversas esferas, predispondo-a a conflitos. Para o autor, a ascensão da extrema direita mundo afora é fruto do adensamento desses grupos nas redes sociais, visando ratificar seus objetivos elementares: preservar a concentração de renda, a exploração da força de trabalho e o extrativismo irresponsável de recursos naturais.

Por fim, a Luciana Mizutani traz uma resenha sobre o podcast “O céu que cai sobre a terra – flechas para adiar o fim do mundo” do canal o Bordo Podcast. A história retratada neste episódio é inspirada no livro “A queda do céu: palavras de uma xamã yanomami” e no conto “O céu ameaça a terra”, uma lenda do povo ikolen-gavião. O áudio-drama retrata a situação de uma aldeia que está na fricção entre dois mundos, o mundo tradicional do seu povo e o mundo (in)civilizado onde vivemos. Neste contexto, Kamori e Muni, os personagens desta história, são deixados para trás para resolver os problemas da aldeia. Neste processo, em alusão às recentes queimadas das nossas florestas, explora-se as feridas que o imperialismo deixa nos povos originários, queimando e destruindo a todo custo seu território, sua cultura e sua existência, abrindo caminhos para o fim do mundo.

Encerra a edição uma entrevista com o Professor Osvaldo Coggiola. Os coordenadores deste número conversaram com o marxista argentino sobre o imperialismo. Relembramos a trajetória do acadêmico, seu exílio da argentina durante a ditadura, vida em Paris e vinda para o Brasil. Conversamos sobre o debate clássico do imperialismo, sobre as mutações que o imperialismo sofreu no pós guerra, sobre o imperialismo de longa duração na América Latina e a necessidade de atualização do conceito de crise para compreensão do fenômeno imperialista. Terminamos este debate com uma apreciação do autor sobre a relação entre a conjuntura brasileira – a eleição de Bolsonaro e a volta dos militares no poder – com o imperialismo em sua fase atual.



Assim, através dos artigos, textos para discussão, colagens, resenha, ensaios e entrevista, esta edição da **Revista Fim do Mundo** buscou apresentar alguns debates sobre a atualidade do imperialismo. Fica evidente na multiplicidade de temas, interpretações e períodos históricos analisados que é candente a recuperação do debate acadêmico clássico e crítico sobre o tema, assim como a reincorporação da categoria do imperialismo para compreensão dos fenômenos em curso na América Latina e no Brasil. Com estas discussões, pretendemos avançar na recuperação do imperialismo enquanto uma categoria de análise e reflexão, pautando a perspectiva anti-imperialista como determinante para se evitar o desígnio do Fim do Mundo.

19

Dezembro de 2021.

Coordenação do Dossiê Temático

Fábio A. de Campos | Carlos Alberto Cordovano Vieira | Aline Miglioli |
Ivan Lucon Jacob

E os Editores.

